ANO 3.º LISBOA—QUARTA-FEIRA, 9 DE MAIO DE 1923 N.º 640

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 20 CENTAVOS
Administrador e Editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Seculo, 43

A RECENTISSIMA reforma do ensino secundario, levada a efeito em França pelo ministro da Instrução, o sr. Leon Berard, deu uma maior importancia ao estudo do grego e do latim. A este respeito leem-se, no relatorio que a precede, as seguintes palavras, dignas de seria meditação:

—«A causa do latim e do grego nada ganhou com varios argumentos, frequentemente empregados para a defender. O nobre fim que visam estas disciplinas, a sua singular eficacia, não é dar ao espirito elegancia com um verniz superficial. Aspiram, sobretudo, á solidez e á ponderação do entendimento, porque a educação humanista tende essencialmente a favorecer o desenvolvimento do espirito de analise, o vigor, a precisão e a claresa do raciocinio. O facto de se dar uma maior comparticipação á tradição classica, no ensino secundario, não significa falta de respeito pelo interesse nacional, encarado sem qualquer prejuizo».

* * *

OS americanos e ingleses, valendo-se da sua boa moeda, têm comprado muitas e muitas obras de arte que vão expedindo para os seus respectivos paises.

O valor das remessas, da França para os Estados Unidos, montam a 450 milhões de francos.

Whalt Witman, num dos seus poemas, disse que era necessario que a Europa se habituasse á ideia de perder a hegemonia mundial, em materia de artes e letras.

Se a desvalorisação de certas moedas se mantiver, o patrimonio artistico de alguns povos infelizes ir-se-ha dissipando, como os bens das casas nobres, quando avançam para a ruina.

* * *

PARECE que finalmente se pensa a sério na protecção a dispensar aos loucos. Já ontem reuniu uma comissão que chegou, pelo menos, ao resultado de constatar que é indispensavel arrancá-los aos calabouços, adquirindo-se um predio onde eles possam viver o seu tormento, á custa de menores horrores.

Desejamos que os que se propõem realizar tao humanitaria obra, não enlouqueçam á espera que as ronceirices da nossa burocracia a transformem em facto.

* * *

RECORTE dnm jornal matutino:

«Em Travassos foram, cobarde e traiçoeiramente, agredidos á paulada e á pedrada Antonio Teixeira e Sá e sua esposa, Rosa Alves, constando ser grave o estado dos feridos. Indigitam-se como autores da agressão um individuo de nome Custodio Canelas e Emilia Lopes os quais dizem ter fugido para Espanha».

Dizem—para que a justiça os deixe socegados...

* * *

REUNE depois de ámanhã a direcção da Casa dos Jornalistas, a fim de tomar resoluções sobre diversos assuntos importantes, entre os quais avulta o da acquisição duma séde propria.

* * *

COM o titulo de *A Academia das Ciencias de Lisboa* publicou Antonio Ferrão o discurso que proferiu, quando da sua apresentação como academico, em 14 de abril de 1921.

OS INTERESSES NACIONAIS

O sr. dr. Eduardo Burnay, em três cartas publicadas no *Diario de Noticias*, ocupou-se da questão dos tabacos e, justo é dizê-lo, não tomou a atitude dum homem que só se preocupa com a Companhia, porque não esqueceu que existem interesses nacionais, os mais sagrados de todos.

Em nome destes é que o nosso jornal resolveu avisar o publico de que ia debater-se, no Parlamento, uma proposta que vem modificar o contracto de 1906 e o decreto de junho de 1918, estabelecendo um «modus vivendi» para vigorar, presumivelmente, até 1926.

Não nos anima outro intuito que não seja de inspiração patriotica.

Cremos que o sr. dr. Eduardo Burnay pensa no futuro do país, desejando que melhores dias se avisinhem para todos nós.

A sua carta de hoje não se cança de recomendar que, embora se lancem pesados impostos, taxas e sobretaxas e se façam emprestimos, internos ou externos, a nossa crise não deixará de se agravar, se porventura a administração publica persistir nos seus velhos erros e rotinas.

—«Acima de tudo, boa administração e sã politica para crear credito e confiança»—.

Achamo-nos em total acôrdo com estas justissimas palavras.

E porque assim é, continuaremos a clamar que se assinale e marque a necessidade duma urgente reforma, na nossa vida governativa, colocando o problema dos Tabacos, fóra do alcançe de apetites menos respeitaveis.

A todo o tempo é tempo de se iniciar um arrependimento rigoroso, a fim de se purificar a existencia, seja dum povo, seja dum individuo.

Nós não devemos adiar para tarde o que deve fazer-se, na hora propria.

A questão dos Tabacos foi, em tempos que não vão longe, o criterio moral por que se avaliou uma determinada politica, de parco rendimento para a nação.

Evitemos, por todos os modos e meios, que ela dê aso a discussões tremendas, iguais ou semelhantes áquêlas cuja lembrança ainda se não apagou.

A Republica não carece de apadrinhar-se com maus exemplos. Portugal vive numa situação calamitosa.

Aproveite-se, pois, a proxima discussão dos Tabacos para começo duma obra de regeneração nacional.

Comentario gentil...

— Não digas isso, ela faz ainda muito efeito de noite...
— Sim, sobretudo nas noites escuras!...

DAMOS, na terceira pagina, um trecho do recente livro do dr. Reynaldo dos Santos—*Alvaro Pires d'Evora*. Como já em tempos dissemos, ocupa-se da vida e trabalhos deste pintor português que, na Toscana, contribuiu para a evolução da pintura do *quattrocento*. E' anterior a Nuno Gonçalves. Durante muitos anos conheceu-se o seu nome, mas ignorou-se a sua obra. Cabe principalmente ao dr. Reynaldo dos Santos, notavel critico de arte e investigador, a honra de haver esclarecido um problema tão interessante.

No prologo do seu livro, escreve ele:

—«O meu ponto de partida foi a indicação de Milanesi, o qual, nos meados do seculo passado, vira em Santa Croce, nos arredores de Pisa, uma *Madona* assinada Alvaro Pires d'Evora. Com efeito, não sem certa dificuldade, consegui encontrar a preciosa tabua.

Mas o quadro de Santa Croce, certamente a sua obra prima, não é felizmente o unico que nos resta de Alvaro Pires. Noutro pequeno convento franciscano, em Nicosia, numa encosta dos Montes Pisanos, sobre o vale do Arno, cuja paisagem suave lembra as margens do Mondego, encontrei outra *Madona*, até certo ponto replica da de Pisa. E em Volterra, um grande triptico, menos bem conservado, mas ainda assinado, Alvarus Petri, e ali conhecido como de Alvaro Portugheze, parece anunciar já na cabeça admiravel de S. Nicoló di Bari, o futuro triunfo da escola portuguesa do retrato. Enfim, um pequeno triptico, hoje na Alemanha, não só assinado como os outros, mas datado de 1434, confirma o que Vasari escrevera e o estudo dos quadros indicava, acêrca da epoca em que o pintor florescera.»

* * *

O SR. presidente do ministerio opôs um desmentido formal á noticia que o *Diario de Lisboa* publicou, na segunda-feira—ultima coluna da oitava pagina—*sobre A Lei da Separação*. Não está no nosso animo contrariar um homem que muito presamos pela constancia com que mantem as suas opiniões e pela firmesa com que sustenta uma atitude. Pela Verdade, porém, temos um culto muito maior. E' ela que, ás vezes, nos leva a tomar palavras que pretendem explicar claramente um assunto confuso, como enigmas indecifraveis.

* * *

O SR. dr. Duarte Leite comunicou ao governo que os nossos pavilhões, na Exposição Internacional do Rio de Janeiro, *talvez* sejam inaugurados antes de 15 de Maio. Esta maneira dubitativa de dizer o que se não sabe faz-nos lembrar aquele individuo que, interrogado pelo seu credor sobre o dia certo do pagamento duma divida, respondeu:

—«Só lhe pagarei, no dia em que o sr. não seja curioso.»

* * *

OS que lançam, como distracção, atoardas ao vento, mostram-se pessimistas quanto ao termo do conflito parlamentar. E não hesitam as suas bôcas em pronunciar a palavra «revolução».

Seria estranho que duma simples dissidencia surgida no seio dum partido, organisado com intuitos de moderação e ordem, saisse um grave motim ou uma gravissima sangueira.

A musica

Salão do Conservatorio

Desnecessário se torna encarecer o que ha de interessante, de proveitoso e de bem intencionado nestas audições publicas de alunos que nesta epoca é costume realizarem-se no nosso Conservatorio. Nelas os alunos aprendem a familiarizar-se com o publico e a perder aquele acanhamento que tão prejudicial é sempre a quem se destina a exibir a sua arte para mais qualquer coisa do que as quatro paredes do seu gabinete de estudo. E o publico artista, «dilettante» entre o qual se recrutam os lançadores de iniciativas de arte, tem ocasião de conhecer de perto e logo do começo do seu desenvolvimento os talentos com que tem a contar para os futuros cometimentos. Em todas estas audições ha sempre que verificar o aparecimento de um ou mais desses talentos, sendo alguns deles enternecedoras revelações.

Na que ontem se realizou, algumas ha que registar. Apresentaram-se alunos de Tomás Del Negro, Rey Colaço, Mereia, Flaviano Rodrigues, Augusto Machado, Garin, Cardona e Cunha e Silva. Todos os alunos mostraram boas aptidões e optima escola, muito tendo agradado Julieta da Cruz Alves (piano) na «Berceuse» de Hynsky e um estudo de Del-Negro; Isaura Pavia de Magalhães (violoncelo) num trecho de Squire; Jaime Rodrigues da Silva (piano) na sonata em mi maior de Beethoven; Julia Santa Clara Vilar (piano) num «Nocturno» de Fauré; Maria Antonia Sheppard Cruz (violino) num concerto de Viotti; Marina Dewander Gabriel (canto) na aria de «Alceste» de Gluck, a solo e em conjunto com Adelina Sebes no dueto da opera «Cherubim» de Massenet; Arlinda Silva e Camila Lopes dos Santos (violino) em peças de Sinding, Saint-Saens e Paganini; José da Cunha Novais (piano) no «Concerto Italiano» de Bach e Florinda Santos no «Nocturno» em dó maior de Chopin e na «Rapsodia Hungara» n.° 11 de Liszt.

Oliva Guerra

«Favorita»

Não se pode dizer que o Coliseu não tenha variado o seu cartaz, procurando apresentar ao publico as mais inspiradas partituras. Ante-ontem, tivemos o prazer de ouvir cantar a velha «Favorita» — duplo prazer, devo dize-lo, — porque nos apareceu, emfim, a sr.ª Gabriella Galli, o notavel mezzo-soprano que na «Amneris» da «Aida» nos tinha encantado com a sua voz quente e aveludada.

Confirmou plenamente na «Leonor de Guzman» estes atributos que o auditorio já lhe tinha notado e que na opera de Donizetti lhe conquistaram fartos e justos aplausos. De Franceschi, o celebre baritono, sempre á altura dos seus louros já conquistados nos melhores palcos italianos.

Foi um rei vibrante, cantando com emoção e expressão artistica. Pierelli, o moço tenor, felicissimo em toda a opera, que é de grande trabalho para a sua voz. Logo na «romanza» do 1.° quadro, o publico lhe fez uma enorme ovação, porque detalhou com a maior suavidade o seu hino de amor; e no «Sprito gentil», muito bem cantado, igual, limpido, cristalino. Mereceu bem Pierelli esta noite de triunfo. O baixo Pasero, explendido; os seus graves são singularmente belos. Grande estofo de artista está ali. O maestro Zeetti continua a firmar os seus altos creditos de director de orquestra. E' artista que se apaixona pelo seu trabalho e não um mercenario que executa uma tarefa. Quinta feira, a «Gioconda», com a sr.ª Lombardi na protagonista.—*J. S.*

Um grande acontecimento artistico

A «Gioconda» ámanhã no Coliseu dos Recreios

Gioconda é a opera que a Empresa do Coliseu dos Recreios escolheu para dar ámanhã aos frequentadores daquela casa de espectaculos, aos amadores de boa e bela musica.

O famosissimo *libretto*, que é modelado sôbre um fantasioso conto veneziano que, pode dizer-se, ser um verdadeiro primor de concepção de molde a emocionar os temperamentos romanticos, foi engrinaldado com inspiradissimos trechos musicais que constituem uma das mais notaveis partituras do insigne maestro Ponchielli.

O desempenho da magnifica opera, por estar confiado a artistas de categoria como são Ines Lombardi, Gabriella Galli, Luiza Cecchetti, Giovanni Chiaia, Enrico De Franchechi, Tancredi Pasero, etc., deve ser magistral, pelas provas já exuberantemente dadas por estes artistas em outras operas em que o publico os tem aplaudido entusiasticamente.

A dansa campestre *Furlana* e o *Bailado das Horas* são outros atrativos para a admiravel opera que ámanhã vai ter a melhor e mais bela interpretação de todos os tempos, mercê da magnifica interpretação que lhe vão dar todos os artistas. Não faltem, portanto, ámanhã ao Coliseu os amadores da arte e do belo canto, tanto mais que já pouco tempo lhes resta para ouvirem as boas operas que a Empresa daquela casa de espectaculos está selecionando de entre as melhores do repertorio da actual companhia.

CHAUSSURE CASIMIRO
CASIMIRO SILVA
Fabricante de calçado de grande luxo
112, Avenida da Liberdade, 114

TEATRO AVENIDA
— COMPANHIA AURA ABRANCHES —
GLORIOSO TRIUNFO
A GAROTA
Notavel interpretação
de AURA e ADELINA ABRANCHES
A seguir — A MENINA DO CHOCOLATE e PRIMEROSE.
Sexta-feira — Recita de Aura Abranches com a peça de sua autoria MADALENA ARREPENDIDA — Bilhetes á venda.

VIDA ARTISTICA

O PINTOR GUTTMANN BICHO

A proposito da exposição do artista brasileiro

Sacré bahut!—E será o mesmo levantar de olhos para o Sol quaudo ele morder a tela com aspereza.

... Como Jean Meusnier, o paisagista de Anatole em «Sierre Nozière», Guttmann Bicho assemelhar-se-ha tambem a um tronco de arvore.

Rugoso, forte, quadrado, nodoso como um cêpo. Olhar de azougue a despedir troça. Trocista sem maldade. Rude de maneiras, simples como um aldeão, sincero até ao encanto. Falando muito, pintando mais ainda.

Bicho não foi companheiro de nenhum Jacobus Dubroquens cuja obra se limitava a uma horrivel copia de uma «Sereia» de Rubens e que se finava aos 70 anos levando para o tumulo a Pintura Filosofica...

... Guttmann Bicho, no inicio da carreira—ha uns 16 anos, no Rio de Janeiro—frequentava as Belas Artes, e, sem auxilio de familia, pintava taboletas, borrava paredes de cafés para se manter e estudar. Tempo de boémia. Boémia que nada tinha de sordida. Fôra-se a época das longas cabeleiras, das olheiras, dos hombros derramados de decadente, do beberricar calices de Paraty ás mesas sombrias dos *bars*. Os boémios acompanhavam a transformação do Rio. Raspava-se a cara á americana. Em vez do paraty, o café. A' mansarda, sucedia-se logo o quarto batido de sol. O chuveiro material a acordar os nervos. Boémia limpa, aceada, de colarinhos rebrilhantes, roupa aprumada. E o grupo *penetrava* nos salões, nos chás, nos teatros, inundava-se de alegria pelas avenidas que por essa altura estavam a romper...

* * *

A saleta do grupo era num segundo andar do largo de São Francisco.

Havia Agrippino Griecco, havia Carlos Maul, hoje dois grandes *nomex* da nova geração.

Naquele tempo Griecco exhauria o pingue vencimento de amanuense da contadoria da Estrada de Ferro em edições dos Fratelli Treves que ele importava directamente.

Amontoava colecções de d'Annunzio, de Carducci, de Amicis, de Fogazzard, de Matilde Serao... E apertava o estomago.

Maul, filho de alemães, dava-se ao luxo de Göette e Schiller no original e traduzia Sudermann, Hauptmann...

Era de ver a sumptuosa biblioteca os quadros de Bicho na sala atravancada de camas de vento, cabides com roupas, embrulhos, caixas ..

Um bico de gaz derramava do alto a baça claridade. Lia-se pela noite a dentro, de volta das gazetas onde algum de nós fazia de «revisor». Criticava-se o trabalho das comadres. Havia discussões, controversias, teorias, escolas que eram aplaudidas, que se refutavam.

Grieceo compunha os sonetos do «Amphoras», que sómente seis anos mais tarde logravam editar.

Maul entregava-se a uma alegoria ou variante da «Ceia dos Cardeaes».

Os personagens eram três poetas que amavam a mesma mulher. Cada um deles a cantava em sua modalidade, segundo a sua escola.

A scena passava-se em Petropolis, a um canto de *bar*, ancesculados os bardos emquanto duas loiras *Gretchen* serviam doirados copos de cerveja...

Maul, lirico entusiasta, magro e esticado, sêco, palido, cabelos loiros e ralos, olhos azues pequeninos, fosforescentes.

Griecco, mediano de corpo, tez morena da Sicilia, grandes olhos negros, nariz aquilino imenso, descompassado. Erudito, verboso, torneando as frases, articulando com donaire, em espectaculo constante.

Quando não havia jornal—o «revisor» era suplente—abancavamos todos á tarde no «Café Belas Artes», até á hora problematica do jantar. O grupo merecia as honras da amisade de alguns «medalhões».

Emilio de Menezes, Raul, Calixto, Luis Edmundo, Goulart de Andrade, De Everard—Backhenser.

A' noite, se havia Lirico, o grupo pontificava do alto da galeria do S. Pedro ou do Lirico.

Era da *claque* temerosa que celebrisava um Zenatelli, um Viglione Borghese, um Farnetti, apoiava um Giraud e era infalivel nas grandes *premières*. Da «Bohème» de Leoncavallo, de «Wally» e da «Loreley de Catalani, da «Siberia» de Giordano, do «Boris Godunoff» de Moussorgsky, do «Demonio» de Rubinstein.

Com o tempo, juntou-se-nos Mario Pencaforte, o Rodolfo Berger, brasileiro, Rosalvo Simões, grande infortunado pintor e musicista; Julio Reis, o autor da opera «Sóror Mariana», por essa epoca pianista de improviso e taquigrafo do Senado; Carlos de Oliveira Vianna, jornalista madeirense de grande valor e Furtado de Medeiros, outro ilheu de talento, artista, orador com o fogo sagrado e que por lá anda, de Estado em Estado, a desperdiçar inteligencia e esforço ás mancheias, roido da má sorte.

O trilho áspero da lida que juntos palmilhávamos, multiplicou-se em ramificações e eles nos atiraram para pontos diferentes. Separámo-nos todos uns dos outros. Uma grande amisade nos ligava em espirito. Cada um seguiu a sua carreira, o seu destino, com boa estrela ou em negro infortunio insucesso.

* * *

Bicho, altaneiro, independente, eternizava-se no Rio, a estudar em Bellas Artes, a pintar fancaria para viver e a concorrer todos os anos ao «Salon».

Temiam-no, invejavam-no e desferiam-lhe golpes de maldade. Mas ele não se importava. Nada pedia. Estudava sempre, trabalhava sempre, até que por fim meio não houve de lhe recusarem o premio de viagem que só era concedido á custa de pedidos, de empenhos.

. . . .

Ha dois meses. Em Lisboa. Surge-nos Bicho casado, com um filhinho, «o seu Favel»... Vinha de estudar e de expor em Paris. Venceu. A exposição que agora triunfa na «Bobone», não era por essa altura, sequer em projecto.

Pouco se demoraria por cá, a apanhar uns recantos de paraizo, a estudar pelos museus, a visitar o grande Malhoa—dizia-nos ele na mesma simplicidade de aldeão, rude de maneiras, franqueza jovial, sincero até ao encanto.

Rugoso, forte, quadrado, nodoso como um cepo,—o mesmo Bicho de dezeseis anos atraz. A ingreme subida não lhe cavou rugas no rosto nem lhe empoeirou o cabelo revolto... E' que trabalha sempre muito, com alegria, ao ar livre, sob ceus macios, sol brando...

... Nem tempestades, nem incendios de luz. Sem gritos, sem ruido, fazendo a sua Vida, a sua Arte, contente e sereno.

Sacré bahut!—E será o mesmo levantar de olhos para o Sol quando lhe morder a tela com aspereza.

Carlos Abreu

Mundanismo

Aniversarios

Fazem amanhã anos as senhoras:

D. Mariana de Casal Ribeiro de Carvalho, D. Constança Paccini da Camara, D. Isabel Machado de Melo Campelo, D. Flora Fernandes Tomás Sousa Rodrigues, D. Fernanda Osorio da Rocha e Melo, D. Maria Amelia de Sande Mexia Salema Vieira da Mota e Castro, D. Maria Teresa Berquó da Camara Leme, D. Maria Carlota Borges de Castro e D. Maria de Lourdes Martins de Meneses.

E os srs.

D. Luís da Cunha Meneses, D. João de Paiva de Faria Leite Brandão, Alexandre de Paiva de Faria Leite Brandão, Francisco de Magalhães Domingues, Antonio Carneiro, Domingos de Gusmão Correia Arouca e o menino Miguel Duarte Alvares Pereira de Sampaio Forjaz Trigueiros, filho do nosso querido amigo e colega na imprensa Luís Trigueiros.

Casamentos

Realisou-se na quinta-feira passada, na igreja da Madalena, o casamento da senhora D. Maria da Natividade Madalena Pinto, gentil filha da senhora D. Cristiana Pinto e do sr. Joaquim Pinto, com o sr. Ilidio Claudio da Silva, filho da senhora D. Lucinda Amelia Duarte da Silva e do sr. Sebastião Martinho da Silva.

Foi celebrante o reverendo prior, tendo servido de padrinhos, por parte da noiva, os paes do noivo, e, por parte do noivo, seus irmãos a senhora D. Irene Maria da Conceição Silva e o sr. Miguel Luis da Silva.

Finda a cerimonia religiosa foi servido, em casa dos paes do noivo, um fino lanche, seguindo depois os noivos, de automovel, para Cintra, onde foram passar a lua de mel.

Na «corbeille» via-se grande numero de valiosas prendas.

A caridade

No Porto

Partem ámanhã no rapido para o Porto, onde vão tomar parte numa recita de caridade cujo produto reverte a favor das «Florinhas da Rua», que se realiza na capital do norte, os distintos amadores que há um mês representaram no São Luís, a engraçada comedia de Gervasio Lobato «Sua Excelencia» o qual é composto das sr.ªˢ condessa de Santar, D. Maria Adelaide Luz da Gama Sepulveda, D. Maria Helena Teles de Castro Lopes, miss Mabel Petter, D. Hilda Moutinho Machado da Cruz, D. Maria do Carmo da Camara de Noronha (Paraty), e D. Ana da Cunha Menezes Pinto Cardoso e os srs. Luís da Gama, dr. Antonio da Camara Horta e Costa, Jaime Chaves de Carvalho, João Carlos de Ataide Tavares, Ruy Cisneiros Machado da Cruz (Queluz), Vasco de Quental, João Pinto, Sebastião de Carvalho Daun e Lorena (Oeiras), Luís e Bartolomeu de Noronha e Costa (S. Miguel).

Acompanham o distinto grupo de amadores a sr.ª D. Maria Domingas de Sousa Coutinho Rebelo da Silva, a quem se deve a ida a essa cidade do referido grupo e o nosso colega de redacção sr. Carlos de Vasconcelos e Sá.

A recita realiza-se ámanhã no São João, e é organizada por uma comissão de senhoras da primeira sociedade portuense da qual fazem parte as seguintes: D. Adelina Nogueira Pinto de Oliveira, D. Alexandrina Soares da Silva Moreira, D. Alexandrina Soares da Silva Moreira de Magalhães, condessa de Campo Belo, condessa de Lumbrales, D. Elisa Rebelo Valente, D. Inês Guedes Cabral, D. Maria Beatriz do Valé Cabral e D. Maria da Conceição Cabral Barbosa, coadjuvada pelos srs. Afonso Cabral, Alvaro Rebêlo Valente, conde de Campo Belo, conde de Lumbrales, dr. José Domingues de Oliveira, Ramiro de Magalhães e Roberto Barbosa.

Em viagem

Vindo do Porto, acompanhado de sua gentil filha D. Maria, encontra-se no Monte Estoril, hospede de seu cunhado o sr. Fernando Eduardo de Serpa Pimentel, o sr. Jorge Ferreira.

—Para o norte, parte ámanhã, o sr. Antonio Pereira Botelho.

Luta de inimigos

No penultimo episodio da «Casa do Misterio»

O publico frequentador do Condes assistiu ontem com verdadeiro interesse á estreia do penultimo episodio da *Casa do Misterio* que lhe reservou varias surprezas deveras impressionantes. Entre estas lembra-nos a peripecia do reconhecimento do forçado Julião, evadido das galés, pelo seu antigo socio na exploração da fabrica do Matagal, a luta que entre os dois inimigos se trava, a soco e a tiro, que é de um palpitante realismo, terminando por um dos contendores ser pelo outro precipitado num abismo, onde fica suspenso do ramo quebradiço de uma arvore. Depois veiu o atentado contra o jardineiro fotografo, que possue todas as provas do crime de Corradin, e outras scenas que o publico entusiasticamente aplaudiu.

Economia e higiene no calçado obtem-se com o CREME CRISTALINO
Sapataria Contente, L.da
74, RUA DO CARMO, 74

TEATRO APOLO Telef. N.° 4129
30 H. P.
A Força do Mal...
O maior dos exitos - Todas as noites
José Ricardo, Maria Matos, Ilda Stichini nos principais papeis
A'manhã — Recita da Moda — OS FIDALGOS DA CASA MOURISCA
Quarta-feira, 16 — 3.ª recita de assinatura e primeira representação da peça, original de Vasco de Mendonça Alves BODAS DE OIRO

LIVROS NOVOS

"ALVARO PIRES" D'EVORA

POR REINALDO DOS SANTOS

Transcreve-se o capitulo "A arte de Alvaro Pires"

Se ha poucos elementos para historiar a vida do pintor, as tábuas que ainda nos restam, permitem porêm esboçar uma caracterisação da sua obra.

Algumas excursões no vale do Arno e particularmente o estudo dos centro *quatrocentistas* da Toscana já citados (Pisa, Florença, Siena, Volterra, São Gimignano, etc.) permitiram-me comparar a arte de Alvaro Pires com a dos Mestres seus contemporaneos e sobretudo com a dos grandes iniciadores da escola, cuja lição e sentimento ele especialmente reflecte.

A impressão que colhi desta confrontação, cheia do maior interesse, está sujeita á correção — e dante mão a espero — que novos elementos e uma critica mais autorisada, seguramente lhe introduzirão. Este pequeno esboço porêm, tem talvez o merito de ser o primeiro que sobre o conjunto da obra do artista se escreve e representa, não um estudo livresco, mas o fruto de um cotejo directo, sob impressões vivas e aproximadas.

Dentre as 4 tábuas identificadas, as Madonas pisanas denunciam uma independencia e um estilo que são já de maturação artistica, enquanto o triptico de Volterra, cuja composição e desenho têm as mais intimas afinidades com outras tábuas do começo do seculo XV (á roda de 1410) e uma mais estreita sujeição aos modelos da epoca, deve corresponder a um periodo anterior, de maior juventude do artista, embora com uma personalidade já acentuada. Enfim, o quadro de Brunswick, mais complexo e diverso e além disso datado de 1434, marca uma obra mais moderna, em todo o caso posterior ao triptico de Volterra, o qual, mesmo na escola de Siena e fora da influencia do renascimento florentino, seria um archaismo estranho em 1434, sobretudo num pintor que em Pisa, revelara *tendenze rinovatrici*.

A filiação destas obras na escola de Duccio, pareceu-me desde o primeiro momento indiscutivel, tal é o espirito e sentimento sienenses que essencialmente as inspiram.

E' o mesmo naturalismo temperado e calmo, aliado a um misticismo sem exaltação, que lhe permitiria assinar como Domenico di Bartolo: *Domenico ti ha dipinto ed ora ti prega!* O sentimentalismo expressivo e dôce que um Simone Martini traduzia, não apenas no desenho e nas atitudes, mas sobretudo nas harmonias fluidas da côr, em que fosforescem jades sobre a surdez de oiros fulvos, Alvaro Pires exprime-o com uma sinceridade que traduz é certo a sedução duma escola, mas reflete tambem tendencias intimas do seu temperamento e da sensibilidade da sua raça.

Para os que, menos familiarisados com as origens dozecentistas das duas escolas de pintura — florentina e sienense — melhor queiram apreender a filiação remota e as tradições que geraram as Madonas de Alvaro Pires, nada mais sugestivo do que confrontar as que, mais dum seculo antes (começo do seculo XIV) o genio renovador dos grandes fundadores da escola, pintaram para Florença.

Duccio, foi a mais bela flôr de byzantinissmo que desabrochou na terra sagrada de Santa Catarina. A sua arte, nobre, elegante, terna e dramatica, aliou a pureza elevada do estilo, á mais dôce expressão de religiosidade e de lirismo.

Por um sortilegio que tem tanto de divino como de magico, transfigurou a materia misteriosa da côr, ora afogando-a em tonalidades surdas, frementes de paixão contida, ora exaltando-a num coral cromatico de mistica sublime. A arte de Duccio, não é *primitiva* mas *definitiva*, porque é a beleza helenica, espiritualizada pelo sentimento cristão e dramatizada, *em côr*, por um pincel que é já de veneziano.

Cimábua, mais proximo de Duccio que de Giotto, aliás tradicionalmente seu discipulo (tão proximo que a Madona dos Ruccellai, de Duccio, foi durante muito tempo.. de Cimábua) reflete ainda a influencia oriental na estilisação, na côr e no sentimento decorativo, e senta as suas Madonas, á maneira byzantina, em tronos de icone, marchetados de marfim e sandalo.

Giotto, com um sentimento plastico de escultor e sem a menor reminiscencia de mosaicista, embora educado na arte de Cavallini, é um genio cuja grandesa se expande melhor nos fresco da *Arena* de Pádua, que nas Madonas dos altares. Mas na tabua dos Uffizi, o seu naturalismo renovador, insufla ás formas uma palpitação de vida que flue á superficie da côr e arfa sob a transparencia modeladora das tunicas. O painel de Florença, respira a frescura do modelo, embora os anjos que o circundam sejam um pouco desgraciosos e talvez vulgares.

Quando agora comparamos a Madona de Santa Croce a estas interpretações diversas dos creadores da pintura toscana e á evolução subsequente das escolas émulas que fundaram, reconhemos que é na tradição sienense de Duccio e dos seus continuadores, de Simone Martini e Lippo Memmi mais que na dos Lorenzetti, que o seu genio se filia, ficando estranho á influencia florentina dos Gaddi e á visão dantesca dum Orcagna.

Quando na segunda metade do *trecento*, a escola de Siena, já sem o prestigio dos primeiros mestres, fundou em 1355 (a exemplo de Florença) uma confraria de pintores, os nomes que a composeram, foram já de mestres de segunda ordem. Mas a tradição não se interrompera ainda, e na transição do *trecento* para o *quattrocento* Taddeo Bartoli (1363-1422) viu-se honrado pela escolha da Comuna e preferido pelos conventos, para na Toscana e mesmo fora dela, em San Gimignano, Volterra, Pisa, Siena e Perugia, representar a gloria das tradições sienenses.

Taddeo porêm, mais depressa as traiu do que revivificou, afogando o lirismo de Duccio e da sua escola, num realismo vulgar e por vezes grosseiro. Mas outros contemporaneos de Taddeo, retardatarios na evolução da pintura toscana, já então dominada por Florença, e indiferentes á grandesa de Orcagna e á transformação que o genio de Masaccio introduzira na arte, lançavam ainda, sem a fama mas com mais fidelidade que Taddeo Bartoli, um ultimo fulgor do *charme* sienense.

O mais ilustre de todos foi talvez D. Lorenzo Monaco e um dos mais encantadores foi certamente Alvaro Pires de Evora.

A. Venturi, chamando-lhe aliás Alvaro *de (sic)* Pirez, é o primeiro que modernamente lhe assinala o merito, contrapondo-o a Martino di Bartolomeo «*crudo, rossostro, volgare e figurinaio...*» emquanto a Madona de Pisa de Alvaro, é «*migliòre assai di quanto si produceva in quel tempo nella vecchia capitale de maestri di scultura*». Assim, na propria terra onde na segunda metade do seculo XIV, tinha resplandecido a arte dum Orcagna, e nos fins do seculo XV, a de Benozzo Gozzoli, Alvaro Pires era *migliòr e assai* de tudo o que ali deixara, entre esses dois periodos de gloria, a arte pictural de Pisa.

O ilustre mestre da critica italiana, reconhece alêm disso na arte de Alvaro, a par de formas toscanas, provavelmente sienenses, «*tendeze di gotico fiorito rinovatrici*» e acaba dizendo que ela reflete «*le aspirazioni che dettero unità di linguaggio artistico all'Europa centrale*». E' certo que o alongado das formas sienenses se arredonda já nas Madonas de Alvaro Pires e o estilo perde um pouco da nobresa helenica primitiva, mas são as influencias *renovadoras* do tempo. Assim, a personalidade artistica de Alvaro Pires nos aparece ao mesmo tempo progressiva e tradicionalista, recordando a doçura de Simone Martini e anunciando já a renascença de Pisa.

A sua superioridade sobre a maior parte dos seus contemporaneos da escola de Siena, impõe-se para quem o compare, não só a Martino di Bartolomeo como fez Venturi, mas a Luca di Tommé, Bartolo di Fredi, Giovanni di Paolo, Bartolomeo di Nutino, etc, como eu fiz recentemente.

Mesmo Spinello Aretino e Taddeo Bartoli, apesar de certa larguesa na composição dos frescos (em que não podemos compara-los a Alvaro porque deste os não conhecemos) revelam mais teatralidade e facilidade decorativa do que estilo. Sano di Pietro, teve mais afinidades com o nosso pintor, mas pertence já á geração que se lhe seguiu.

O problema, para nós tão interessante, de possiveis reminiscencias nacionais na sua arte, parece-me facil de resolver, embora a nossa pintura dos fins do seculo XIV, a que sobre ele poderia ter exercido influencia, nos seja mal conhecida. E' que o caracter da sua tecnica e do seu gosto, puramente italianos, permitem considerá-lo como um pintor, certamente português, mas integrado na escola de Siena.

Sobre as influencias que por sua vez, acaso exerceu na pintura portuguesa, parece-me mais delicado decidir, embora sobre Nuno Gonçalves, fosse nula(15) e pelas razões expostas noutro capitulo, eu pense que a sua actividade se exerceu exclusivamente em Italia e portanto sem plausibilidade dum influxo direto na arte do país.

De resto, mesmo indirectamente, o prestigio de Siena, incontestavel na Catalunha, foi pequeno ou nulo em Portugal, onde a despeito da vinda de Antonio Florentim, a influencia da Flandres preponderou sobre a da Italia — como na escultura, a da França, havia de ser superior á da Espanha.

Alvaro Pires interessa por isso mais á historia dos artistas portugueses em Italia, do que á escola portuguesa de pintura, — que o genio de Nuno Gonçalves iria definitivamente elevar á mais alta expressão plastica da raça.

OBJECTOS ANTIGOS E MODERNOS

Compra-se, vende-se e troca-se com especialidade moveis, louças, quadros a oleo, gravuras, etc. Antes de fazer qualquer transacção escrever um postal a **Antonio Pedro da Silva, Praça Luiz de Camões, 40, esquina da Rua das Gaveas,** telefone C. n.º 1096, antigo estabelecimento de Antiguidades e Joias, ouro e pratas em segunda mão.

S. CARLOS Telef. C. 5063

HOJE — Primeira representação nesta temporada, da peça em 4 actos, de Bataille, tradução de José Sarmento

Mamã Colibri

Baronesa Irene: PALMIRA BASTOS

Outros papeis de destaque por Carlos Santos, Henr. de Albuquerque e Samwel Diniz

Bilhetes á venda durante o dia, sem aumento de preços e sem locação

Fauteuils 6$00, frisas e camar. 25$00 e 15$00

POLITEAMA

EMPREZA LUIS PEREIRA

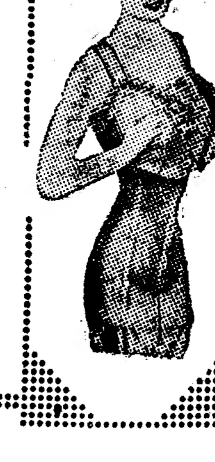
Telefone 3028 N. A's 21,30

C.ª REY COLAÇO-ROBLES MONTEIRO

A peça de grande exito e notavel creação de AMELIA REY COLAÇO

MARIANELA

Sexta-feira, 11 — 7.ª recita de assinatura — 1.ª representação da peça original de Ricardo Durão A LUVA DE RICARDINA



As Ex.mas Damas

ESPARTILHOS, CINTAS E CORSELETS

CINTAS ABDOMINAES

Execução rapida e perfeita, acompanhando sempre as exigencias da moda.

Pessoal habilitado para tirar medidas em casa dos Ex.mos clientes, hospitaes e casas de saude.

Os «ateliers» trabalham sob a direcção da nossa socia-gerente D. Virginia Costa que possue os mais vastos conhecimentos do «métier».

A POMPADOUR, L.da

RUA GOMES FREIRE, 163-2.º

TELEFONE 4193-NORTE

Nacional Tel. N. 3049 Hoje=Ás 21,30

Enorme sucesso da peça original de Afonso Gayo

FARÇA DO CIUME

Primoroso espectaculo

Sexta-feira, 11 — Recita do actor-societario Augusto de Melo: **Os Velhos**, de D. João da Camara; **A Condessa Heloisa**, de Gervasio Lobato.

Dia 12 — Recita extraordinaria PERALTAS E SECIAS.

HOJE QUARTA-FEIRA

A PRIMA INGLESA

O grande exito do

TEATRO SÃO LUIZ

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

Um homem de principios...

Narro esta anedocta porque o riso está mais caro do que a libra e porque não levando eu nada pelo meu trabalho, o leitor nada tem a perder.

Conheço um oficial reformado — major ou tenente-coronel — que diariamente pratica uma boémia pacata, a que o seu feitio folião não consegue eximir-se, se bem que se trate dum feitio com setenta anos de idade.

Mora nas avenidas novas. Mas todas as noites se reune na Baixa com três amigos inseparaveis, onde se atarda até ás duas horas, demonstrando ser filho irreductivel dum país essencialmente vinhateiro.

Só no ultimo carro electrico regressa a casa. Não lhe serviram nunca nem o antepenultimo nem o penultimo.

E está tão fortemente dominado por esse habito que nem por um golpe de estado comatoso, o contraria. Se os seus amigos instam para que os acompanhe antes da sua hora, resiste sempre:

— Não! Não! Só vou no ultimo.

E cumpre.

Ora como sabem, o ultimo carro para o Arco do Cego passava no Rocio, procedendo do Dafundo, ás duas da madrugada.

Mas quando ha dias foi dada ordem, para abrir as portas dos clubs e fechar as portas do jogo, a existencia do ultimo carro periclitou. E no primeiro dia desse novo regimen o nosso oficial reformado, pelo sim, pelo não, postou-se junto do poste-paragem ás duas menos um quarto. Três minutos depois chegou um carro.

O bom boémio entrou. E já quando o electrico retomava a marcha preguntou ao condutor muito brandamente;

—Faz favor de dizer-me se este é o ultimo carro?

—Não senhor. O ultimo vem ai atraz.

—Então faz-me o obsequio de mandar parar.

O condutor fez-lhe a vontade. E o sugéito, saindo lépido, comentou irritado:

—Ora esta! Então não ia perdendo o ultimo carro!

E lá ficou á espera.

Sarmento Duque

Miranda & Filhos
Joalheiros
PORTO 176-R. 31 de Janeiro-D
LISBOA 80-Rua Garrett-2.º D

Peçam em toda a parte o vinho
"CARTAXAS"

CAMBIOS

	Comprador	Vendedor
s/Londres, cheque	2 1/4	2 15/64
» 90 dias	—	—
s/Paris	1$531	1$545
s/Berlim	1/2	1
s/Holanda	9$024	9$120
s/Madrid	3$516	3$550
s/Bruxelas	1$317	1$33/
s/Roma	1$122	1$130
s/Suiça	4$163	4$190
s/Suecia	—	—
s/Noruega	—	—
s/Dinamarca	—	—
s/Nova-York	23$088	23$250
s/Brasil	2$458	2$490
Rio s/Londres	5 17/32	—
Libra esterlina	109$000	112$000
Agio do ouro	2$250	2$350

CRONICA

Dona rosa do Chiado

FALA AO "DIARIO DE LISBOA"

sobre a festa da flôr

Como estivesse marcada para hoje a festa da flôr — a festa da flôr de papel de seda — subi o Chiado logo de manhãsinha e dei-me ao trabalho de entrevistar uma rosa palida e nostalgica, a pedir hospital botanico, que fenecia em seu jarrinho de barro vermelho, num jardim artificial que há junto da Igreja dos Martires.

As flores humildes do Chiado! Pobres princesas anemicas do reino vegetal, que deixaram de ter perfume e olham com inveja a graça altiva e soberana das orquideas que se vestem de seda e *organdi* nas montras luxuosas das floristas!

Como elas sentem o pudor da sua condição humilde de florinhas da rua! Que infinita saudade, nas suas petalas murchas, dos largos horizontes, dos perfurmes inebriantes e do ar puro do jardim onde nasceram para serem escravas de caprichos mundanos e de fantasias morbidas de poetas!

Pobres crisalidas de jardim botanico sacrificadas ao egoismo imperial da humanidade, a gotejar sangue dos vossos pesinhos minusculos de Cendrillon!

Em quatro palmos de passeio, entre a indiferença dos muros altos do Chiado, se resume a vossa microscopica existencia. Passam mulheres de uma beleza academica e fria, em carruagens de luxo, sem vos conceder a graça de um olhar; passam costureirinhas galantes que vão para o *atelier*, com o cestinho do *lunch* debaixo do braço, sem reparar no encanto das vossas petalas descoloridas e na humildade do barro onde vos aconchegais como os filhos das familias pobres na mesma cama desmantelada, sem luz, sem ar e sem conforto, passam mendigos farroupilhas, que não têm pão para comer — quanto mais flôres para deliciarem o olfato...

E ninguem, ninguem repara no encanto dos vasinhos humildes, que se chegam muito uns para os outros, com medo da irreverencia de quem passa, num instinto de defesa comum ao barro e ao homem, que, segundo os textos sagrados, é feito tambem de barro. Aquela rosa palida, em cujas petalas tremiam ainda duas gotas de chuva como lagrimas de prata, ruborisou-se toda quando lhe fiz a primeira pregunta.

—Eu não sei falar para os jornais... Os srs. jornalistas lembram-se de escrever aquilo que a gente não diz e depois é desagravel ter que desmentir...

Um cravo vermelho, que já tinha sido entrevistado pelo Artur Portela, sorriu maliciosamente, murmurando para os seus botões:

—E eu que o diga, menina rosa... Já uma vez fui entrevistado por um jornalista e não lhe achei graça nenhuma...

Quiz inspirar confiança ao *pollen* doirado da feminina flôr e apressei-me a dizer-lhe:

—Fique v. ex.ª descançada, sr.ª dona rosa; pode confiar em mim como no seu padre confessor...

Ou porque a delicada flôr gostasse da minha discreção de maneiras, ou porque uma aristocratica orquidea lhe murmurasse ao ouvido algumas palavras que eu não consegui entender, dona rosa consentiu amavelmente em deixar-se entrevistar, com a condição expressa—que alto exemplo de modestia para os politicos e para os literatos!—de que lhe não publicaria o retrato nem o seu nome de familia. Acedi e a entrevista começou.

—O que pensa v. ex.ª da festa da flôr?

— Penso que é tudo menos a festa da flôr. Podem lá chamar-se flores esses manequinsinhos de papel de seda, que não têm alma, nem coração, nem perfume, nem raça como nós temos!

Um junquilho sentimental suspirou de amor por aquela rosa.

— São flores simbolicas de caridade...

Dona rosa trocou um olhar de saudade com um lirio romantico que esteve sempre calado durante a entrevista. E olhando desdenhosamente uma açucena mistica que lhe queria roubar o amor do lirio, respondeu á minha justa observação:

— A caridade, sr. jornalista, pratica-se conforme a devoção de cada um. O maior encanto duma esmola, consiste no sorriso com que se dá a um pobre. Saber praticar a caridade é timbre das pessoas que têm uma alma de cristal. Um nardo biblico, cujo avô assistiu á entrada triunfal de Jesus em Jerusalem, baixou as petalas maceradas sobre a flexivel haste, como quem apoia incondicionalmente a grande verdade que dona rosa tinha dito.

Insisti sobre o mesmo tema, para ver se conseguia dulcificar o coração daquela rosa.

— Não me venha com subterfugios, respondeu ela. A caridade não se decreta, nasce expontaneamente nas almas como os malmequeres na primavera.

— Mas é tão linde pedir esmola para os pobres em troca duma flôr!

— *A flôr não é elemento de troca*, sublinhou dona rosa. Eu li o *chá* do seu colega Norberto de Araujo e adorei esse moço romantico que soube dizer coisas tão lindas em defesa da nossa raça.

Uma tulipa azul, com espirito, com *charme* parisiense, mais propria para luzir o encanto das suas petalas de veludo em fina porcelana do Japão, sorriu para uma dalia triste que prendia as suas folhas como braços coleantes em torno do pescoço de um crisantemo sentimental.

Dois malmequeres gaiatos brincavam com a flor da madre-silva. Um dizia: *muito*, o outro dizia: *nada*.

Dona rosa calou-se, cansada de ter falado tanto. E como já era tarde e as primeiras senhoras com braçadeiras de seda e cestinhos de vime, onde as pobres florinhas de papel pareciam querer saltar para a botoeira dos transeuntes, começassem a percorrer o Chiado como um bando de pombas fugidas de um pombal, comprei uma despedida amavel que me tinha olhado com muita simpatia, fiz um cumprimento gracioso a dona rosa, e continuei a subir o Chiado.

Norberto Lopes

«Conto do vigario»

O sr. João Tomaz Leal, hospedado no Hotel Portuense, de passagem em Lisboa, queixou-se á policia de que, na Avenida da Liberdade, dois individuos desconhecidos o burlaram, pelo processo do «Conto do vigario», em varios objectos de ouro e dinheiro, no valor de 3:000 escudos.

Roubo de um anel

A conhecida couplestista Tereza Flores, rua do Jardim do Regedor, 51, queixou-se á policia de que certo individuo lhe furtara um anel de ouro com brilhantes e esmeraldas, no valor de 3:000 escudos.

Dr. Manuel Barbosa
CLINICA GERAL
RUA DO OURO, 191

O melhor café é o d'A Brazileira
Vende-se na Rua 1.º de Dezembro, 78 e A Garrett (ao Chiado) n.º 120.
Dôces e mais produtos do Brazil

LISBOA MODERNA

O Parque Eduardo VII

O projecto que foi entregue á Camara

Veiu nos jornais a noticia de que uma empreza apresentara á Camara Municipal de Lisboa um requerimento, no sentido de ser aproveitado o Parque Eduardo VII para construções modernas, de molde a atrair-se ali o turiste, avido de grandesa e de conforto.

Procurando informações no Largo do Pelourinho, soubemos que, efectivamente, foi ali entregue um requerimento do conhecido banqueiro do Funchal sr. Henrique Vieira de Castro, propondo tomar de concessão, durante 50 anos, todos os terrenos do Parque Eduardo VII.

Em que condições? Vejamos:

O proponente obriga-se a construir. arborisar e ajardinar o Parque Eduardo VII, conforme o projecto aprovado pela Camara, com as modificações necessarias á adaptação dos edificios constantes do projecto.

O proponente obriga-se tambem a construir, dentro do Parque Eduardo VII: um grande hotel de luxo, com tôdas as condições de conforto e elegancia dos melhores estabelecimentos simillares da Europa, e com um minimo de 200 «appartements»; um palacio para exposição de arte, industria e agricultura e flora nacionais; um luxuoso «restaurant» e «bar», com salão de concertos, dancing e cinematografo: um stadium para jogos olimpicos, courts de tennis e de foot-ball.

Todos os edificios acima referidos serão subordinados a uma arquitectura rigorosamente artistica, propria do local, e os respectivos projectos submetidos previamente á aprovação da Camara.

O acesso ao parque será publico e gratuito, mas o concessionario reserva o direito exclusivo á exploração dos edificios e instalações nele feitos.

Os lucros liquidos excedentes a 15 0|0 do capital empregado, depois de deduzido 10 0|0 para amortisação do mesmo capital, serão divididos em partes iguais entre a Camara e o concessionario.

Além das vantagens anteriormente oferecidas, o proponente obriga-se a concluir, á sua custa, o monumento ao Marquês do Pombal, conforme o projecto aprovado.

A concessão poderá ser transferida a empresa ou companhia que se organise em harmonia com as leis portuguesas.

Finda a concessão, todos os edificios e instalações entrarão na propriedade e posse da Camara, com excepção do hotel e de uma faxa de terreno em volta do mesmo, de 40 metros de largura, que ficarão sendo propriedade exclusiva do concessionario ou de quem legitimamente o represente ou lhe suceda.

Feita a concessão, a Camara fixará os prasos para apresentação dos projectos, inicio e conclusão das obras.

* * *

Qual a atitude da Camara em face da questão?

O sr. dr. Antonio Maria da Cunha Marques da Costa, vice-presidente da Comissão Executiva, lançou á margem do requerimento o seguinte despacho:

«A Comissão Executiva resolveu submeter o pedido á apreciação da Camara, por ser assunto da sua competencia, expendendo, em principio, a ideia de se executarem pelo modo indicado pelo requerente, os melhoramentos por ele indicados, mas que a concessão para a sua execução só deve ser feita por meio de hasta publica, por ser este o preceito legal para concessões desta natureza, devendo tambem constituir condição dela a proibição de estabelecimentos destinados a jogo de azar. Comunique-se e agradeça-se ao requerente o seu alvitre».

O requerimento vai ser entregue ao Senado Municipal, devendo baixar depois ás respectivas comissões, de onde deve sair, aprovado ou reprovado, daqui a uns seis meses...

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

A ASSISTENCIA

A loucura em Portugal

Uma casa para deposito de doidos

Ha tempos o *Diario de Lisboa* referindo-se a uma pobre louca que fôra atirada para os calabouços do governo civil, onde esteve dias e dias, teve ensejo de protestar contra o facto, alegando os mais rudimentares principios de piedade e assistencia.

Verificamos, com prazer, que, talvez, o nosso protesto de alguma coisa serviu. Vai ser adquirida uma casa para deposito temporario dos doentes que aguardam a sua entrada no Manicomio, tendo-se realizado ontem no ministerio do Trabalho, por onde estes serviços correm, uma importante conferencia a que presidíu o sr. dr. João Luis Ricardo, administrador geral do Instituto de Seguros Sociais que resolvemos ouvir, e que nos disse o seguinte:

—E' inacreditavel o numero de loucos que ha em Portugal. O hospital Miguel Bombarda, antigo hospital de Rilhafoles, está absolutamente repleto, não havendo já espaço no chão para se improvisarem camas. Nos outros hospitais tambem se encontram, indevidamente, doentes atacados de loucura. No Telhal, instituto particular de beneficencia, encontram-se uns oitenta loucos, sem a minima protecção do Estado. E ha, ainda, a contar com a media mensal, aproximada, de trinta doidos, que são atirados impiedosamente para os calabouços do governo civil.

—Por conseguinte, impõe-se absolutamente a construção duma casa para deposito...

—Sem duvida que se impõe.

—De quem partiu a iniciativa?

—Do Instituto de Seguros Sociais que, para tal fim, convocou ontem, aqui, uma reunião, a que assistiram o sr. dr. Amor de Melo, director dos hospitais civis, o sr. governador civil e os srs. drs. Pais Abranches e Silva Ramos, respectivamente provedores da Assistencia Publica e da Misericordia de Lisboa.

—Têm algum edificio em vista?

—Temos.

—Qual?

—Uma parte do convento das Trinas. Mas isso está dependente ainda do ministerio do Comercio.

—E essa casa de deposito encerrar-se-ha, após a construção do Manicomio?

—Não me parece. A loucura aumenta assustadoramente no nosso país. E' de presumir, pois, que o Manicomio se encha de loucos em pouco tempo, sendo necessaria, por isso, a conservação da casa de deposito, que deixará de ser temporaria.

—E quando acabará a construção do Manicomio?

—Dentro de dois a três anos. Assim como a Maternidade. A obra de assistencia está-se desenvolvendo muito, apesar de se dizer o contrario.

—Então?

—Tencionamos contrair um emprestimo de 20:000 contos destinados á conclusão dessas obras, á acção da Liga Contra a Tuberculose e á conclusão do Manicomio de Coimbra. Hoje é quanto lhe posso dizer. E' possivel que, dentro de poucos dias, lhe possa dar mais largas informações, que o interesse publico, decerto, acolherá com satisfação.

VIDAGO PALACE-HOTEL

Concessionarios e gerentes:

Cesario & Ramalho

(socio fundador da Garrett)

Abertura em 1 de julho

Grande Casino e Salão de Festas

Prestam-se todos os esclarecimentos até 15 de junho na R. D. Pedro V, n.º 2. (Pensão Moderna).

POLITICA

A proposta apresentada POR ANTONIO DA FONSECA não póde ser retirada

Entre um prato de fruta e dois ou três correligionarios a uma ponta da mesa, á hora do almoço, José Domingues dos Santos, com o seu mais gracioso sorriso de entrevistado, um cravo democratico recheado de petalas, cabeleira romantica de poeta—dá inicio á conversa.

—O incidente suscitado na Camara pela proposta do sr. Antonio da Fonseca não é entre nós democraticos e os nacionalistas.

Levantámos nas sobrancelhas uma exclamação.

—Então com quem é?

—Entre os nacionalistas e a Camara...

—O que se passou na reunião do seu Partido?

—O grupo parlamentar democratico, como diz a moção hoje publicada nos jornais, estranho a um conflito que não provocou, nem aceita, espera que os nacionalistas continuem a prestar ao Parlamento a sua colaboração...

— Como se deu o incidente?

— O sr. dr. Antonio da Fonseca apresentou uma proposta, que não é nova. Representa a renovação duma praxe, adoptada de 1912 a 1921. Alguns democraticos, muitos mesmo, aprovaram-na. Outros regeitaram-na. Começou-se a discutir o capitulo I do orçamento do ministerio do Comercio — e os nacionalistas ficaram...

— Para sairem...

— Mais tarde. Abandonaram a sala quando o sr. Torres Garcia pedia que a sessão fosse prorogada e o sr. Velhinho Correia por outro lado reclamava que ela não sofresse interrupções... Quere dizer, saíram não por causa da votação da proposta Antonio da Fonseca. O pretexto foi a prorogação da sessão...

— Pretexto?

— O sr. Cunha Leal deu ordem aos deputados nacionalistas para sairem. Alguns não acataram essa ordem...

O sr. Cunha Leal é muito inteligente!... Está certo! É muito habil... Está certo!

— Trata-se então duma questão interna do partido nacionalista?

— Não sei! O que sei dizer é que o sr. Cunha Leal não pode fazer dela uma bola e arremeçá-la ao Partido Democratico.

— Quere dizer então...

— Que nós não provocámos o incidente e que nada temos com o que se passa dentro do Partido Nacionalista!

— Como se resolveria o incidente... Retirando-se a proposta Antonio da Fonseca?

— De maneira nenhuma. A' custa do nosso prestigio é que não pode ser. Se assim fosse sempre que quizessemos votar alguma moção ou proposta teriamos de ir consultar a minoria nacionalista... para ela não renunciar...

— Haverá alguma plataforma...

— Certamente! Queremos que a minoria nacionalista entre com honra, sem duvida, mas não á nossa custa.

— E as sessões...

— Continuam, com mais de setenta deputados!

— O partido democratico em armas!

OUTRAS ERAS

O TOUREIRO ROBERTO DA FONSECA e o toureio do seu tempo

Uma moeda por corrida para principio de carreira

A morte do velho toureiro Roberto da Fonseca—um dos Robertos do Campo de Sant'-Ana—não é um acontecimento nacional para a gente môça que povôa agora as praças, os circos, os campos de «foot-ball».

Mas epoca houve em que este simples nome Roberto da Fonseca electrisava as multidões, como talvez nunca, depois dele, outro nome publico e popular.

Roberto da Fonseca e Vicente Roberto—eram irmãos. Não tinham nada de seu. Foi a tourada que lhes deu alento e fez lavradores.

—A mim, a primeira vez que piquei bois em publico, ganhei uma moeda.

Uma moeda! Pois com ela, os Robertos eram economicos, comprou o toureiro cousas que logo vendeu, ganhando no comercio.

Começou aí.

O tempo deste Roberto da Fonseca deve passar com saudade no espirito das pessoas antigas que leram hoje nos jornais a noticia.

Era no Campo de Sant'Ana. De 1873 a 1888 não houve ali nome mais acarinhado, nem figura de picador ou capinha mais aplaudido.

Toureava-se então a um estilo, muito português, que passou. Os touros — disse-nos hoje um velho aficionado do tempo dos Mouriscas, do Batalha, dos irmãos Monteiros, do Mesquita, dos Peixinhos, pai e filho, do Calabaça e dos Cadetes, e dos fidalgos como D. Antonio de Portugal, marquês de Castelo Melhor, então simples visconde da Varzea, D. José Mascarenhas, pai, D. Antonio S. Martinho, Vitorino Froes, D. José Avilez, Cunha Menezes e tantos—; os touros eram então «de muito poder».

—Não se toureava como hoje: Roberto da Fonseca era agil, como nunca nenhum toureiro, e todo o seu trabalho era de agilidade. Os touros tinham muita corrida; hoje não sucede isso. Saíam como «touros». Era um toureio vistoso e de velocidade. Numa volta os Robertos punham quatro pares. A multidão, hil endoidecia. Sol e grande *aficion*.

E logo, com indicações dos Peixinhos, rivais dos Robertos, vieram lembranças do nosso entrevistado:

—Ninguem fez o trasteio da mulêta, á portuguesa, como esse velho Roberto. Era o tempo da corrida classica á portuguesa; os espanhois não nos tinham invadido com o seu toureio dificil, mas menos vistoso. Os partidos eram como em S. Carlos. Bons tempos! Era só a tourada, e a politica—muito pouco. O povo não sabia de politica.

Sempre lembrando:

—Para os velhos como eu, a morte de Roberto da Fonseca é um pretexto para se evocar um periodo da nossa mocidade e do bom tempo português. Espera de touros, Campo de Santana, alegria nas touradas e era Deus quem mandava no mundo. Corriam-se 13 touros. Eram empresarios primeiro o Vitorino Marques, depois o Custodio Vidal, depois o Costa Guerra.

E atropelando a ideia:

—Toureavam-se os touros no primeiro estado. Tudo era diferentes: os bois e os homens. Mais agilidade, mais alma. Até havia sol!

Resta-me dizer que Roberto da Fonseca, que começou por ganhar uma moeda, chegou depois a ganhar cem mil réis por corrida. No seu tempo—uma fortuna.

Uma fortuna que ele realisou, a unica, á custa de uma profissão.

Pelos teatros

O teatro na Madeira

FUNCHAL, 4. — A companhia Alves da Cunha-Berta de Bivar, tem feito aqui um verdadeiro sucesso. Ainda não deu um espectaculo que não tivesse uma casa á cunha e com os preços de oito escudos por lugar, Ontem realisou-se a festa artistica de Alves da Cunha com a 1.ª representação de «A Garra» custando cada bilhete 20 escudos. O distinto artista foi alvo de varias manifestações de apreço, sobretudo da parte do Club Sports da Madeira a quem a festa foi dedicada, A meio do espectaculo, no salão nobre do teatro dr. Manuel de Arriaga, foi inaugurada uma lapide em marmore com o seu nome e a data da festa gravadas a ouro, tendo por essa ocasião o sr. dr Pestana Reis, vereador da camara municipal deste concelho, proferido um entusiastico discurso.

O «Diario de Noticias» desta cidade, publicou hoje um pequeno artigo discordando desta homenagem mas elogiando os meritos artisticos do distinto actor Aos futuros espectaculos estão quasi todos destinados ás festas dos restantes artistas da companhia. Esta deve levar daqui fartos lucros. Esperam-se, com anciedade, as visitas das companhias do Nacional e S. Luis.

Está formada nesta cidade, uma empreza que se propõe construir uma nova casa de espetaculos com jardim anexo para outras diversões publicas.

Conferencias teatrais

A conferencia da serie promovida pela Associação dos Trabalhadores de Teatro «Teatro pelo publico e contra publico», de Norberto de Araujo, realisa-se no proximo domingo, de tarde, na séde da Associação dos Logistas.

Atrás do reposteiro

No Nacional realiza-se depois de ámanhã a anunciada recita do actor-societario Augusto de Melo, professor da Escola de Arte de Representar, com as peças «Os Velhos» e uma unica representação da encantadora comedia de Gervasio Lobato, «A Condessa Heloisa». No sabado, 12, recita extraordinaria com a peça «Peraltas e Secias».

—Está marcada a data de 18 do corrente para a primeira representação no Avenida, da peça «Madalena arrependida», original da ilustre actriz Aura Abranches e por ela interpretada na protagonista.

—Estreia-se, hoje, no Aguia de Ouro, do Porto, com uma explendida assinatura, a Companhia Nascimento Fernandes, que ali estava sendo anciosamente esperada.

—As recitas de assiatura da Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro, no Politeama, terminam com a primeira representação, depois de ámanhã, da peça original de Ricardo Durão, «A luva de Ricardina».

—O velho actor Amandio Holtreman vive positivamente na miseria, com seu filho. Fazemos um apêlo ás almas caridosas em seu favor. Reside na rua da Assunção, 70, loja.

—Na proxima segunda-feira, 14, realiza-se no Nacional o ultimo espectaculo antes da «tournée» oficial da Sociedade Artistica, que se inicia no dia 15 e termina no dia 31 do corrente. Nesse espectaculo representa-se, pela ultima vez, a peça «Amor de Perdição», desempenhando o papel de «Mariana» a gentil actriz-societaria Albertina de Oliveira.

—Em S. Carlos faz-se hoje «réprise» da peça «Mamã Colibri», com Palmira Bastos na protagonista.

—Beatriz Correia, discipula de Tcichnüller, em Leipzig e de Rey Colaço e Viana da Mota, em Lisboa, realiza na segunda-feira, 14, um recital de piano no Salão do Conservatorio. Esta distinta pianista já é bastante conhecida do nosso publico, razão porque o seu proximo recital está despertando interesse.

CARTAZ

S. Carlos—Ás 21—«Mamã Colibri».
Nacional—Ás 21—«A Farça do Ciume».
S. Luis—A's 21,30—Festa de caridade.
Politeama—A's 21.30—«Marianela».
Avenida—Ás 21.15—«A garota».
Apolo—Ás 21—«Força do mal» e «30 Hp».
Eden-Teatro—A's 20.30 e ás 22.30—«Do capote e lenço».
Coliseu dos Recreios—A's 21—«Cavalaria» e «Palhaços».
Gil Vicente—Não ha espectaculo.

Animatografos e variedades

Salão Foz (Calçada da Gloria).
Cinema Condes (Avenida da Liberdade).
Chiado Terrasse (Rua Antonio Maria Cardoso).
Olimpia (Rua dos Condes).
Salão Central (Praça dos Restauradores).
Salão Ideal (Rua do Loreto).
Teatro dos Anjos—Companhia de variedades.
Cine-Paris (Rua Ferreira Borges).
Salão da Promotora (Ao Calvario).
Eden Cinema (Alcantara).

POLITEAMA HOJE

MARIANELA

Soberba creação de Amelia Rey Colaço

Fabrica de
Ladrilhos
Mosaicos
Azulejos
Cimentos

GOARMON & C.A
TRAVESSA DO CORPO SANTO, 17 a 19
Telefone n.º 1244
LISBOA

CARVÃO
VEGETAL-COKE
BRIQUETES

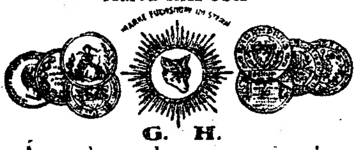
TELEFONE C. 4119
VENDAS NO DOMICILIO EM SACOS SELADOS
FRANCISCO LEITÃO & C.ª F.º
RUA DA COSTA, 8, LISBOA.

Janotas????
Sejam economicos

MADEIRA, ALFAIATE, participa aos seus amigos e fregueses que mudou o seu estabelecimento de alfaiataria da Rua do Sol ao Rato, 215, para o Largo da Trindade, n.os 11, 12 e 13

Instalações electricas
Orçamentos gratis
MATERIAL ELECTRICO
Grande stock de lampadas
PHILIPS-ARGA
É quem vende mais barato
Preços especiais aos revendedores
Tele{fone C. 5430 / grafo DIFONSO} **DIAS, FONSECA & SOTO MAIOR L.ª**
Rua dos Fanqueiros, 122—LISBOA

TINTA ALEMA
PARA TINGIR
Marca RAPOSA



G. H.
Á venda nas boas drogarias de todo o paiz.
DEPOSITARIOS GERAES EM LISBOA:
Schrōeter & C.ª
R. S. Julião, 5, s/l. Tel. C. 552

AVESTA

A GRANDE MARCA ALLEMA
A lamina mais cortante e a que maior numero de barbas dá.
A' venda nas boas casas da especialidade.
Representantes exclusivos:
Schroeter & C.ª
RUA DE S. JULIAO, 5, S|LOJA
Tel. C. 552—LISBOA

STORES DE MADEIRA
RUA DO SECULO, 140

Empregue na sua toilette

O
CRÈME SIMON
PARIS.

A qualidade dos seus elementos conserva á pele a sua frescura, a sua finura e o seu brilho. O seu perfume é delicado. 60 annos de sucesso.

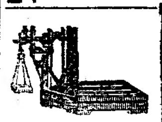
· PO de Arroz e SABONETE

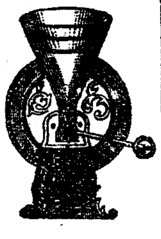
TOSSE
CURA RAPIDA E SEGURA COM AS PASTILHAS DE
DR. ANDREU DO BARCELONA
a maior parte das vezes desapparece a tosse ao concluir a primeira caixa.
A venda as Pharmacias e Drogarias

DEPOSITARIOS GERAIS PARA PORTUGAL E COLONIAS
GIMENEZ-SALINAS & C.A
9, Rua Nova da Trindade, 1.º—LISBOA

RICAS MOBILIAS
Deslumbrante Exposição
Grandes e variados modelos de luxo, pelos preços antigos sem aumento
VENDAS SEM INTERMEDIARIOS
Economia de 20 a 30 %
Tudo quanto se faz de melhor, confortavel e chic, em todos os generos de mobilias nos estilos antigos e modernos
MAPLES em pele verdadeira—Bronzes de arte, etc.
A's pessoas de bom gosto e economicas impõe-se uma visita ao salão de vendas e oficinas da bem conhecida e acreditada
ANTIGA MACENARIA DO DESTERRO
DO FABRICANTE PROFISSIONAL
MANUEL FILIPE DA SILVA JUNIOR
Rua do Desterro, 17 a 29

ANTIGA CASA ENCARNAÇÃO
SUCESSOR: M. V. DA FONSECA





Balanças, pesos e medidas. Cofres, fogões, moinhos e torradores. Prensas de copiar e acessorios. Louça esmaltada, máquinas de picar e outras, etc.

25, 27, R. da Victoria, 29, 31 — R. dos Correeiros, 74 a 96
Telefone 3:061—Encarnação ◇◇◇ LISBOA

N. B.—Não confundir a verdadeira e antiga casa Encarnação, de existencia secular, com outras da mesma industria, que dizem ser a mesma casa

A ACTIVA
RAMO COMERCIAL
Secção de aprestos maritimos

APRESTOS para armações, vapores de pesca, barcos de recreio e comercio
CABOS DE ARAME DE AÇO, MANILA, LINHO, PITA, CAIRO
LONAS de linho, COTÕES, BRINS, FILELE, bandeiras e mariatos

CORRENTES de ferro pretas e CALIBRADAS, Ancoras, Gatas e Fateixas Remos de faia e pinho, Alcatrão, Breu louro e preto, agua-raz, Coaltar, folhas de metal e prego para forro de navios, Archotes, Linhas para sondas e pesca em fibra e arame do aço

Encerados, Toldos, Barracas, Fatos, capas, suestes de oleado, Tintas para fundo de navios, alvaiades, vernizes, Tintas em massa e de esmalte marca NIPON, Motores maritimos e industriais WOLVERINE

R. 24 de Julho, 8--LISBOA
Telefones: C. 1601 e C. 3474
Telegramas: Activa-LISBOA

Não comprem bombons, chocolates, cacaus e drops sem provarem os da
S. I. C.
Rua 24 de Julho, 48
Telefone, C. 651

AMOSTRAS GRATIS

Solano
DEPOSITARIOS
FIGUEIREDO & TELLES, L.da
RUA ALVES CORREIA, 45, 1.º
TEL{EFONES 3156 e 3697-N / EGRAMAS: FITELES
LISBOA

VENDE-SE EM TODA A PARTE

DR. ANTONIO BOSSA
ESTOMAGO, FIGADO E INTESTINOS
Das 14 ás 16. Avenida da Liberdade, 9, r/c.

MARCA REGISTADA
JEM
ALCOBAÇA
Vinho puro de mesa tinto e branco
Provar este vinho é preferi-lo aos outros
CONCESSIONARIOS:
SOCIEDADE PORTUGUESA DE COMERCIO, L.da
RUA VITOR CORDON, 11
Telefone 1692-C.

DAS 5 PARTES DO MUNDO — ESTRANGEIRO — DAS 5 PARTES DO MUNDO

A SOCIEDADE DAS NAÇÕES

BENS HUNGAROS DA TRANSILVANIA confiscados pela Romenia

BUDAPEST, 9.

A imprensa hungara protesta contra a ultima resolução tomada na Sociedade das Nações acêrca da confiscação dos bens hungaros da Transilvania. A Hungria apenas foi defendida pelo delegado japonês sr. Odachi que sob o ponto de vista da justiça e da humanidade defendeu ardentementemente as minorias hungaras da Transilvania. Estas minorias têm sido tratadas com inauditas violencias tendo ultimamente sido publicado um decreto proibindo absolutamente a importação de livros hungaros na Romenia e o confisco de todos os que nessa lingua se encontrarem com data posterior a 1919.—(R.)

- EDEN-TEATRO -

A's 8 1|2 e 10 1|2 Exito nunca igualado

A revista

DE CAPOTE E LENÇO

Numeros de autentico agrado do publico por Laura Costa, Zulmira Miranda, Santos Carvalho, M. Silva.

Policlinica do Intendente

Almirante Reis, 27, 2.°

Telefone N.° 2989-N.

Dr. Abel Alves—Ouvidos, nariz e garganta, ás 13.
Dr. Almeida Dias—Doenças nervosas e mentais Electroterapia, ás 13.
Dr. Anastacio Gonçalves—Doenças dos olhos, ás 15.
Dr. Antonio Martins—Doenças das senhoras, ás 16.
Dr. Armando Formigal Luzes—Rins e vias urinarias, ás 11.
Dr. Artur Pacheco—Doenças da pele, ás 14.
Dr. Benard Guedes—Raios X, ás 16.
Dr. Carlos Fradique—Doenças das crianças, ás 15.
Dr. Fernando Fonseca—Medicina geral, sifilis, ás 15.
Dr. Fórmigal Luzes—Maçagens, ginastica medica, banhos de luz, mecanoterapia, electroterapia (dia-termia, alta frequencia, etc.) ás 14.
Dr. Mario Rosa—Clinica geral, estomago e intestinos. Recto-sigmoscopia, ás 14.
Dr. Pereira da Silva—Analises clinicas. Vacinas.
Dr. Pereira Varela—Doenças da boca e dos dentes, ás 10.
Dr. Vasco de Lacerda—Clinica medica, coração e pulmões, ás 13.
Dr. Vasco Palmeirim—Cirurgia geral e operações, ás 16.

Laboratorios de Farmacia
Instituto Pasteur de Lisboa

◂LYOL▸
(Topico oxygenado)

CURA:
FERIDAS—ULCERAS
FURUNCULOS
ERUPÇOES DE PELE

FARMACIAS:
LISBOA—R. N. do Almada, 88
PORTO—R. dos Clerigos, 36

A ACTUALIDADE INTERNACIONAL

O TERRORISMO EM BARCELONA

As forças vivas de Catalunha apanharam uma sova tremenda quando foram pedir ordem á autoridade constituida

Esta não é má. Como os leitores sabem, a cidade de Barcelona tornou-se, nos ultimos anos, um foco perigosissimo de terrorismo; raro sendo a semana em que ali não se registam acontecimentos graves, como atentados dinamitistas, greves revolucionarias, assassinatos á mão armada, em plena rua, colisões entre a força publica e os civis, etc. A situação, devido á impossibilidade da policia—porque a policia, pelos modos, lá em Barcelona, tambem não descobriu ainda a maneira de atinar com o paradeiro dos bombistas—a situação, iamos dizendo, chegou a tais extremos, que agora, já são os proprios terroristas desavindos que deram em matar-se uns aos outros, nas ruas, a qualquer hora do dia e da noite.

Tal estado de coisas determinou o povo ordeiro de Barcelona, representado por todas as agremiações conservadoras da cidade, a intervir junto das autoridades para lhes pedir que ponha côbro áqueles desmandos, que mais não seja, em nome da civilização e da honra de Espanha.

Houve as precisas reuniões; redigiu-se uma representação, da qual reproduzimos aqui alguns trechos, ha dias; e ante-ontem, a convite do *Comité de Acção Civil*, toda a gente acorreu á praça da Catalunha para acompanhar, em manifestação ordeirissima, a comissão encarregada de entregar ao alcaide o sobredito documento.

Pois, meus ricos senhores: foi uma verdadeira tempestade de pancadaria nos lombos dos manifestantes, que se contavam por muitos milhares!

***

Já depois de bem tosadas, as forças vivas de Barcelona teimavam em dar conta do seu recado, não se dispersando sem entregar a representação á autoridade. Avançaram por ali fora, debaixo de uma nuvem de armas brancas, e foram até ao Ayuntamiento, onde não encontraram o Alcaide, o qual, não obstante ter sido prevenido da visita, fôra naquele dia em passeio para fóra de portas...

Quando a comissão estava lá em cima, a fazer o discurso explicativo da manifestação, chegou um funcionario da policia e obrigou-a a meter a viola no saco com a intimação de se pôr quanto antes no olho da rua.

Os homens, como eram homens de ordem, obedeceram; mas então é que foram elas.

Assim que os apanharam ao ar livre, deram-lhes tantas, tantas, tantas, que os desgraçados tiveram, em certos pontos do trajecto, que marinhar pelos carros electricos, como macacos a fugirem daquele diluvio de pancadaria.

Era a hora em que os crentes costumam sair das igrejas, vindos de assistir ás cerimonias religiosas. Pois nem as beatas escaparam ao castigo. Os guardas da Seguridad carregaram sobre os fieis; e, basta que lhes diga, aos senhores, que á tarde, á hora do Mês de Maria, as igrejas estavam desertas e os hospitais repletos de clientes.

Um jornal espanhol pinta assim, um trecho do estranho quadro:

«Soaram primeiro alguns tiros e, logo após, uns trinta ou quarenta mais. O panico foi enorme. Toda a gente fugia espavorida, rebolando pelo chão os vasos, os copos e as garrafas dos estabelecimentos. A policia carregou furiosamente, agredindo á sabrada os proprios fieis que saíam da igreja. Na igreja de Belem, onde se acolheram muitos dos fugitivos, perseguidos pela força publica, houve um momento indescritivel de horror. Depois, lá se conseguiu que a ordem fôsse restabelecida, mercê da presença de espirito de algumas pessoas que lograram serenar os mais timoratos...»

Como acolhimento feito pelos mantenedores da ordem a um povo que pede ordem e trabalho, parece-nos que não pode haver mais completo.

—Estará já o bolchevismo a imperar em Barcelona em nome do Rei?

VITAMINA
FERMENTOS INDISPENSÁVEIS Á VIDA
ALIMENTO BIOLÓGICO COMPLETO

SÓROS DO PROF. MARAGLIANO
TRATAMENTO DA TUBERCULOSE

LIPOVINA IBYS
ACÇÃO TONICA EVIDENTE
MELHORADORA DA NUTRIÇÃO GERAL

SÓROS e VACINAS
INSTRUMENTOS CIRURGICOS — ANALISES

ESTABELECIMENTOS ÁLVARO CAMPOS
Sede: 103, L. Duas Igrejas—Lisboa
Filial: 90, R. Sá da Bandeira—Porto

Contra factos não ha argumentos

O Deposito da Covilhã é o que mais barato vende excelentes fazendas de lã para fatos, sobretudos e vestidos.

1:000 peças de diferentes tecidos de lã para retalhar, e vender directamente **das nossas fabricas ao publico.**

AVISO IMPORTANTE—Para melhor atenderem a sua numerosa clientela, resolveram abrir na proxima segunda-feira uma **filial do Deposito da Covilhã** na **Rua do Ouro, 206-208, 1.°** (LOJA DA AMERICA, esquina da Rua da Assunção).

Mandam amostras ao domicilio. — Têm alfaiate. — Telefone 2:806.

Séde—Rocio, 93, 2.° andar
(ELEVADOR GRATIS)

GRANDE REDUÇAO
nos preços de venda de baterias de acumuladores
TUDOR
PARA AUTOMOVEIS
Para os FORNECIMENTOS DE VERÃO 1923
Os novos preços anulam os das anferiores listas
Baterias
«BOSCH»
a preços reduzidissimos
CONSULTE A
Sociedade Portuguesa do Acumulador Tudor
R. do Alecrim, 99—LISBOA
H. MENDES CORREIA, L.DA
Rua Santa Catarina, 367—PORTO

A Concorrente
de A. Mendonça Perdigão
Reparações garantidas em maquinas de escrever
Vende e compra sempre aos melhores preços, maquinas em segunda mão. Fazem-se copias á maquina.
Calçada do Carmo, 3, 3.° E. — Telef. N. 4076

A OCUPAÇÃO DO RUHR

CUNO PROTESTA CONTRA A SENTENÇA que condenou o barão Krupp

BERLIM, 9

O chanceler Cuno protestou contra a sentença proferida contra o sr. Krupp. O governo diz que a França pretende vestir o seu militarismo na roupagem da justiça. A imprensa alemã diz que a sentença foi proferida por razões de ordem politica não se tendo feito caso da declaração das testemunhas que mostraram claramente que os directores da fabrica Krupp não foram responsaveis pela atitude dos seus operarios. Haverá um novo julgamento que começará na proxima semana perante o tribunal de apelo de Dusseldorff. Os jornais incluindo os nacionalistas e os socialistas unanimemente preconisam a continuação da resistencia passiva na região do Rhur dizendo que ela apenas pode ser fortalecida por sentenças tais como as que foram agora pronunciadas — (R.).

O Vaticano e as ideias bolchevistas

ROMA, 9

Segundo se diz no Vaticano, monsenhor Testa que foi enviado pela Santa Sé á região do Rhur é de opinião que a questão do Rhur tem dado azo a um aumento das ideias bolchevistas na Alemanha. Monsenhor Testa manifestou-se tambem contrario á atitude adoptada pelo bispo de Orleans na carta que dirigiu aos bispos franceses — (R.).

Uma violação do Tratado de Versailles?

BERLIM, 9

Os jornais alemães comentando a resposta francesa ás propostas alemães dizem que a ocupação da região do Ruhr constituiu a primeira violação do tratado de Versailles—(R).

EXPERIMENTEM O VINHO
"CARTAXAS"

Economia e higiene no calçado obtem-se com o CREME CRISTALINO
Sapataria Contente, L.da
74, RUA DO CARMO, 74

MUCOSAN
Ultima maravilha da sciencia alemã
CURA RAPIDA E SEGURA DA BLENORRHAGIA
INDISPENSAVEL NA HYGIENE INTIMA DAS SENHORAS
Vendem:
José F. Alves Azevedo & C.a, Ltd.a — Rua 1.° Dezembro, 41, 45
Silva, Neves & C.a Ltd.a—R. da Prata, 229
Farmacia Estacio — Rocio
Azevedo, Irmão & Veiga—R. do Mundo, 24
Farmacia T. Lopes & C.a—Rua do Ouro, 154
Drogaria Quintans — Rua da Prata, 196
Farmacia Barral — Rua do Ouro, 124
M. R. Januario, Ltd.a — Rua S. Lazaro, 15
Farmacia Portugal—Rua Augusta, 218
V. Ribeiro & C. da Fonseca—R. da Prata, 237
União C. de Drogas, Ltd.a—Rua Augusta, 180
Deposito geral: T. DOS REMOLARES, 30, 2.°
LISBOA

6 HORAS DA TARDE — ULTIMAS NOTICIAS — 6 HORAS DA TARDE

A POLITICA

A PROPOSTA

Antonio da Fonseca

Uma carta

do presidente

da Camara dos Deputados

Publicamos a seguir uma carta do sr. Sá Cardoso, ilustre presidente da camara dos Deputados, em que esclarece uma afirmação contida no bilhete do nosso colaborador N. —bilhete que ontem publicámos com a restrição de não concordarmos com ele inteiramente.

A opinião do seu autor pertence ao numero das que merecem ser lidas e apreciadas pelos leitores do *Diario de Lisboa*, prestando-se á discussão desapaixonada. Se errou numa simples questão de facto, ele será o primeiro a reconhecê-lo, explicando-se, se assim o entender, nas colunas do nosso jornal.

Entretanto, muito folgamos com o facto do seu bilhete provocar a esclarecedora carta do sr. Sá Cardoso.

Sr. Director: — Sob a epigrafe «O Partido Nacionalista e o Parlamento» publicou v. ontem uma noticia que se refere á mim nos seguintes termos: — «Posso dizer-lhe tambem que a proposta Antonio da Fonseca foi redigida de acordo com o presidente da Camara».

Porque isto não é exato peço a v. a fineza de fazer inserir no seu jornal a seguinte retificação:

Das três propostas apresentadas pelo sr. deputado Antonio da Fonseca, uma — *que nada tem com a discussão dos orçamentos* e é de aplicação permanente — a que manda fazer votação nominal sempre que se verifique que não há numero para votações, quasi se pode dizer que é da minha autoria, pois por ela venho pugnando desde a ultima vez em que tive a honra de presidir á Camara dos Deputados.

Das outras proposta — *ambas referentes á discussão do orçamento* só duma tive conhecimento porque o sr. deputado Antonio da Fonseca lhe deu a primeira redacção na minha presença, na mesma ocasião em que redigia a da votação nominal; da outra apenas tive conhecimento depois de votada.

Estes factos são do conhecimento de alguns parlamentares nacionalistas.

Afirma tambem o autor do «bilhete politico» — «Porque só poderia haver conflito entre a minoria e o Presidente. A admissão de propostas é da responsabilidade da mesa nada tendo a maioria que ver com isso».

Contra isto nada há que dizer.

Efectivamente é á mesa que compete ver se as propostas estão ou não nos termos do Regimento.

A responsabilidade é toda do Presidente.

Não há duvida.

Somente quem presidiu á sessão ou sessões em que as propostas do sr. deputado Antonio da Fonseca foram admitidas, discutidas e votadas... não fui eu!

Estava com licença!

Isto sem o menor desprimor para quem me substituiu na Presidencia.

Agradecendo a v. a publicação destas linhas subscrevo-me de v. etc. — *Sá Cardoso.*

Conservatorio Nacional de Musica

Realisa-se ámanhã, quinta-feira, ás 16 horas, a quarta audição de alunos do Conservatorio. Os bilhetes podem ser pedidos na Secretaria das 13 ás 16 horas.

BEBAM O VINHO DE MEZA
"CARTAXAS"

ATLAS O MELHOR CALÇADO
Deposito da fabrica
RUA DO OURO, 198

Entero colite crónica — Seu tratamento
ESTORIL-TERMAS

A TARDE PARLAMENTAR

O Chefe do Estado

visita a União Sul-Africana?

O ministro dos Estrangeiros faz declarações

O sr. presidente do ministerio entrou hoje a sorrir—com três flôres na gola do *frack*—e um belo ar prazenteiro a dizer que tudo corre no melhor dos mundos possiveis.

Entretanto, continuam desertas as bancadas nacionalistas e o sr. Sá Cardoso, que só por acaso não trás hoje flôr na botoeira—talvez por ser o dia da festa da flôr—não desistiu ainda do mandato que a Camara lhe conferiu.

Agora mesmo levou por um braço, para um canto da sala, o sr. José Domingues dos Santos, com quem trocou impressões sôbre o estado das *démarches* que tem realisado.

Dizia-se hoje, nos Passos Perdidos, que os antigos unionistas voltarão á Camara na proxima segunda feira, a fim de apoiarem o sr. dr. Brito Camacho na questão de Moçambique.

Esta scisão aparente, que representa uma quebra de solidariedade, vem dar um aspecto novo ao conflito, cuja solução não se prevê ainda qual seja.

Durante a leitura da acta, o sr. presidente do ministerio, que continua feliz, tem um gesto de ternura para o sr. Carlos Olavo e abraçam-se os dois comovidamente, como na parábola biblica do filho prodigo.

* * *

O sr. Leote do Rego, em negocio urgente, que teve a satisfação de ver aprovado pela Camara, ocupou-se do convite feito pelo general Smuts ao Chefe do Estado para visitar a União Sul-Africana, por ocasião da sua visita ás colonias.

Entende o sr. Leote do Rego que esse convite devia ter partido directamente de um chefe de Estado, como seja o duque de Connaught, representante legitimo do rei de Inglaterra, visto que a União Sul Africana pode considerar-se quasi uma nação independente.

O sr. Leote do Rego, depois de se ter referido á nossa participação na guerra, declara:

— Não tendo sido ainda retribuida a visita do presidente Bernardino Machado á côrte inglesa, entendo que não faz sentido que o Chefe do Estado volte a pisar territorio inglês, ainda que recebesse uma carta autografa do soberano da Gran-Bretanha.

Referindo-se ainda á viagem do sr. dr. Bernardino Machado, o sr. Leote do Rego estranha que essa visita tenha sido apenas retribuida pelo rei da Belgica.

* * *

O sr. ministro dos Estrangeiros responde ao sr. Leote do Rego.

A Camara ouve em silencio as suas declações.—Se fosse exacto que o governo da União Sul Africana se tivesse dirigido ao governo português para transmitir ao sr. Presidente da Republica um convite oficial, eu estaria inteiramente de acordo com o sr. Leote do Rego.

E logo a seguir:

—Mas, apesar do respeito que a imprensa me merece, tenho a dizer que essa noticia não é inteiramente exacta. Efectivamente, ao governo português foi dirigido um convite...

Emendando a palavra *convite:*

—Não digo bem: ao governo português foi expresso o desejo, pelo governo da União Sul Africana, de que o sr. Presidente da Republica visitasse aquele país, na hipotese de o Chefe do Estado realizar a sua viagem ás colonias portuguesas de Africa. Para, na hipotese de se efectivar essa visita, o Chefe do Estado da nação inglesa dirigir oficialmente o convite ao Chefe do Estado da nação portuguesa.

Aludindo ás visitas do sr. dr. Bernardino Machado á Belgica, á Inglaterra e á França, o sr. ministro dos Estrangeiros afirma:

—Sem de nenhum modo ter havido qualquer falta de respeito para com o povo português, entendo que essas visitas não têm de ser retribuidas. O sr. dr. Bernardino Machado foi a França, como Chefe de Estado, não em visita oficial, não em obediencia a um convite que lhe tivesse sido dirigido, mas apenas em visita ao Corpo Expedicionario Português.

E em resposta áquilo a que chama «as susceptibilidades patrioticas do sr. Leote do Rego»:

—Não queira v. ex.ª fazer entender que a situação internacional de Portugal é tão mesquinha, é tão grave que tenha havido naquilo que o ilustre deputado disse razão de menor respeito pela soberania portuguesa ou pelas relações de amisade que Portugal mantem com as nações aliadas. Tenho dito.

Ouvem-se alguns apoiados. O sr. Domingos Pereira foi cumprimentado.

* * *

O sr. Americo Olavo ocupa-se dos acontecimentos que se produziram na ilha da Madeira, quando se preparava para tomar posse a junta geral do distrito do Funchal.

Responde-lhe o sr. presidente do ministerio, afirmando que não tem que intervir nesse assunto, pois não é o poder executivo que resolve sôbre a elegibilidade dos candidatos á junta geral do distrito.

* * *

O sr. ministro dos Estrangeiros volta a falar e afirma categoricamente, opondo o mais formal e energico desmentido ao boato lançado por um jornal norte-americano, que não ha nem podia haver quaisquer negociações para a venda de Macau.

—Não está Portugal em condições de alienar qualquer parte do seu territorio.

O sr. Domingos Pereira lamenta que um jornal francês que tem uma tradição interessante ligada ao seu nome, *L'Homme Libre*, tenha igualmente reproduzido o *cannard* posto a correr pela imprensa americana.

O sr. Leote do Rego:—O que é lamentavel é que os represensantes diplomaticos de Portugal não tenham desmentido esse boato.

Nesta altura, entra na sala a esposa do sr. Presidente da Republica, com um grupo de senhoras, que distribuem largamente florinhas de papel de seda pelas golas dos parlamentares.

Depois de cumprimentar o sr. presidente da Camara, a sr.ª D. Joana Queiroga de Almeida dirige-se á bancada monarquica, onde é gentilmente acolhida.

Os três deputados que formam hoje a minoria monarquica ficam de pé, emquanto a esposa do sr. Presidente da Republica se conserva dentro da sala das sessões.

A maioria segue-lhes o exemplo.

Uma gentilissima senhora, toda vestida de branco, sentou-se agora na cadeira do sr. ministro da Justiça.

A Camara, pela boca dos representantes de todos os grupos que estão na sala, presta homenagem á missão filantropica das gentilissimas senhoras que se encarregaram da venda da flor, envolvendo particularmente nas suas saudações a esposa do sr. Presidente da Republica.

Todos os discursos são ouvidos em pé e no meio de grande silencio.

As senhoras ocuparam as bancadas nacionalistas, dando á sala um aspecto gracioso e alegre de jardim em flor.

A sessão foi suspensa por cinco minutos.

JOSÉ GABRIEL PINTO COELHO

Partiu ontem, no «Africa», para a Madeira e colonias portuguesas, de visita a todas as filiais do Banco Colonial Português, o nosso amigo sr. dr. José Gabriel Pinto Coelho, director do mesmo Banco.

No cais, a despedirem-se, além da familia, estavam os srs. Candido Sotto Mayor, Manuel Maria da Silva Bruschy, almirante José Francisco da Silva, Antonio Vieira Pinto, dr. Carlos Barbosa, Joaquim Leitão, Alvaro Santos Lima, Marques de Almeida, Eduardo Valerio Vilaça, Alfredo Vieira Pinto, Pedro Bordalo Pinheiro, dr. Caeiro da Mata, dr. José Lobo d'Avila Lima, etc., etc.

A DINAMITE

A DENUNCIA

apresentada á policia

pela amante

do bombista

foi ocasionada pelo ciume

Continuam as bombas e a sua apreensão a ser o assunto dominante em todas as conversas.

Não ha maneira de, ao menos para amostra, se ver um bombista preso, o que demonstra ou um excesso de inteligencia da parte deles ou uma falta dela, por parte da policia. Talvez os principais motivos não sejam da responsabilidade da corporação; talvez ela não tenha elementos para cumprir a sua missão. Mas o que é facto é que a população da cidade não pode estar sujeita ás deficiencias de que sofre a organização policial.

* * *

Comunica-nos o nosso informador do governo civil:

Foram entregues ao habil agente Antonio Teixeira, da 3.ª secção, as investigações acêrca da apreensão de bombas numa casa no largo do Salvador, caso que já noticiámos.

O referido agente, auxiliado pelo seu colega Filipe, procedeu hoje a varias diligencias, procurando o locatario da casa que ainda não foi encontrado, e interrogando largamente a mulher que fez a denuncia, Quiteria da Piedade, moradora na rua do Capelão, parecendo estar já averiguado que foi o ciume da Quiteria que a moveu, pois o tal Ataíde era seu amante.

O agente Teixeira, tem-se esforçado por capturar o bombista, e em poucas horas tenciona deitar-lhe a mão.

Os agentes Almeida, da P. S. E. e Borba, da 4.ª secção da policia de investigação, procederam hoje a uma diligencia, a que ligavam grande importancia, para a captura do principal implicado na explosão da bomba numa escada na rua da Procissão, diligencia que não deu resultado.

COMPANHIA DE SEGUROS "SAGRES"

Reunião da Assembleia Geral

Conforme a convocação, realizou-se hoje a assembleia geral da Companhia Seguros Sagres para apresentação do relatorio e contas.

Presidiu o sr. dr. Carlos Barbosa, secretariado pelos srs. Fernando de Vasconcelos e Carlos Guilherme Nunes Ferreira.

Aprovadas por unanimidade as conclusões do relatorio e o parecer do conselho fiscal, foi pelo sr. almirante José Francisco da Silva proposto um expressivo voto de agradecimento aos directores que foi unanimente aprovado.

O sr. Antonio Vieira Pinto pediu a palavra para lembrar que se encontra doente o sr. dr. Arlindo da Costa Correia Leite, presidente da assembleia geral e para dizer que seria do agrado de todos tornar a vêr aquele senhor novamente no seu cargo.

O sr. dr. Mario de Artagão, agradece, em nome do seu irmão as palavras do sr. Antonio Vieira Pinto e junta e lembra com grande brilho da sua fluente palavra, a historia da fundação da Companhia, concluindo por propor um voto de agradecimento ao sr. Candido Sotto Mayor pelos relevantes serviços prestados á Companhia e em nome da direcção da Sagres agradeceu o professor dr. José Lobo d'Avila Lima.

Pelo sr. Antonio Vieira Pinto foi proposto um voto de agradecimento pelos serviços prestados no Brasil do sr. Joaquim Sotto Mayor, proposta que a assembleia aprovou por aclamação.

Depois de votado um voto de louvor á mesa da Assembleia Geral pela forma como dirigiu os trabalhos, proposto pelo sr. Joaquim Leitão, passou-se á eleição da vaga de suplente ao Conselho de Administração sendo eleito por unanimidade de votos o sr. Joaquim Sotto Mayor & C.ª do Rio de Janeiro.

O DIARIO DE LISBOA vende-se em todos os quiosques e tabacarias.